

MURALHAS E DERRUBES. OBSERVAÇÕES SOBRE A FORTIFICAÇÃO CALCOLÍTICA DO ZAMBUJAL (TORRES VEDRAS) E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A INTERPRETAÇÃO ESTRATIGRÁFICA. UM RESUMO*

por

Michael Kunst**

Abstract: The author presents the main results of the research work carried out in the Copper Age site of Zambujal, near Torres Vedras. This archaeological site was the first of its kind that has been studied by modern scientific methods of excavation in Portugal.

Key-words: Copper Age; Portuguese Estremadura; Zambujal.

Zambujal é um povoado fortificado calcolítico, situado na Estremadura, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

SITUAÇÃO

O sítio situa-se na margem direita, para leste da Ribeira de Pedrulhos, tributária do rio Sizandro, o qual desagua no mar.

A distância do Zambujal até ao mar é em linha recta aproximadamente de 11,5 kms (Sangmeister & Schubart 1981, p. 1). Pesquisas geo-arqueológicas realizadas em 1986, em colaboração com o geólogo Gerd Hoffmann, tiveram como resultado a conclusão de que o vale do rio Sizandro, na época do Calcolítico, representava um pequeno braço do mar, pelo menos até à actual aldeia da Ribeira de Pedrulhos. Isso significa que o Zambujal estava bastante perto – aproximadamente a 1 km – de um acesso directo ao mar.

* Peço desculpa à coordenadora do magnífico encontro ocorrido no Porto, em Maio de 2003, por ainda não poder apresentar a versão completa da minha comunicação. Mas, devido a problemas pessoais, ocorridos na segunda parte do ano de 2003, não foi possível elaborar o artigo completo, o que está previsto vir a acontecer em breve numa publicação dirigida pelos colegas da Universidade do Porto, com quem mantenho cordiais relações de amizade.

** Instituto Arqueológico Alemão de Madrid (Espanha).

A fortificação, situada num esporão de mais ou menos 18 ms. de altura sobre o actual vale da ribeira de Pedrulhos, dominava este vale, e, além disso, tinha ainda, em dias claros, uma ampla vista até ao mar. Com uma boa visibilidade para além da aldeia de Ribeira de Pedrulhos até ao vale do rio Sizandro, controlava, na época, também aquele braço do mar. O esporão acaba, a oeste, numa falésia abrupta que fornecia uma protecção natural ao povoado.

HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

O povoado calcolítico do Zambujal foi descoberto no ano de 1932 pelo mais tarde director do Museu Municipal de Torres Vedras, Leonel de Freitas Sampaio Trindade (Kunst 1993, p. 47-49). Naquela época, no sítio só era visível um pequeno montículo, por detrás do casal do Zambujal. Ali, Leonel Trindade encontrou durante várias visitas ao lugar muitos fragmentos de cerâmica pré-histórica, assim como artefactos de sílex e pedra polida. No ano de 1944, mediante uma pequena sondagem no topo da colina, o mesmo L. Trindade exumou um muro com a sua face exterior dirigida a leste. Uma primeira publicação apareceu no ano de 1946, escrita pelo padre Eugénio Jalhay a quem L. Trindade tinha mostrado os seus achados. No dia 20 de Agosto do mesmo ano o Zambujal foi declarado “monumento nacional” pelo decreto 35 817. Finalmente, no ano de 1959 L. Trindade tornou o seu sonho realidade: começar verdadeiras escavações arqueológicas de colaboração com A. Ricardo Belo, naquela época responsável da biblioteca e da colecção arqueológica de Torres Vedras, assim como com o coronel A. do Paço. Naquela escavação instalaram um pequeno caminho do ferro para uma vagoneta que servia para o transporte da terra, tal como a que A. do Paço usava na sua escavação em Vila Nova de S. Pedro. Infelizmente, estas primeiras campanhas de escavação no Zambujal foram interrompidas pela morte repentina do A. Ricardo Belo em 1961.

Por intermédio de V. Leisner, H. Schubart visitou L. Trindade, e juntos, as escavações abandonadas do Zambujal. Neste sítio, num corte, na parte oeste da pequena colina, H. Schubart ficou bastante impressionado pela observação de algumas camadas existentes sob um muro. Esta situação poderia esclarecer a cronologia do calcolítico, porque, naquela época, distinguia-se só um período pré-campaniforme e outro campaniforme.

Mais tarde, H. Schubart ficou muito agradecido pela generosidade de L. Trindade, que o convidou a continuar as escavações no chamado “Castro do Zambujal”. H. Schubart, ainda não familiar com as fortificações calcolíticas da Península Ibérica, convidou, pela sua parte, E. Sangmeister, que, em 1955, tinha participado não só em escavações em Los Millares (Almería, Espanha), mas também em escavações em Vila Nova de S. Pedro.

Aqui tinha participado na 19ª campanha das escavações arqueológicas, sob a responsabilidade do A. do Paço. Deste modo, os dois, E. Sangmeister e H. Schubart, dirigiram uma série de 6 campanhas de escavações no Zambujal (1964, 1966, 1968, 1970, 1972 e 1973), já publicadas em vários artigos e numa série de monografias.

O resultado mais importante dessas escavações aponta para a observação dum sistema de muralhas defensivas que foram várias vezes reparadas e também alteradas em função de outros sistemas defensivos, segundo novas ideias estratégicas. Tais alterações traduziram-se em fases da construção. Em suma, conhecem-se 5 fases construtivas, divididas em 15 sub-fases (1a, 1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 3a, 3b, 3c, 4a, 4b, 4c, 4d, 5a, 5b). Já em 1965 começaram a fazer-se reconstituições arquitectónicas (Sangmeister & Schubart 1965, p. 58). Estas reconstituições serviram também para reflectir sobre os resultados até àquele momento obtidos. Finalmente os autores publicaram o seu ponto de vista relativamente ao desenvolvimento dos sistemas de muralhas (Sangmeister & Schubart 1981, p. 226-255).

ESTRATIGRAFIA E DERRUBES

As muralhas têm sempre uma face exterior e outra interior, constituídas por lajes de pedra maiores, bem postas, com a parte que está à vista, bem trabalhada, e o espaço entre ambas as faces cheio de pedras irregulares, mais pequenas. Este facto é muito importante para a interpretação da estratigrafia.

- 1) Assim, existe uma certa estratigrafia horizontal: quando uma face dum muro era danificada, na época, os habitantes do povoado não repunham as pedras, mas construíam uma nova face do muro pelo lado exterior. Deste modo, com o tempo, os muros ganharam espessura. Normalmente entre esta face nova e a última mais antiga existia um espaço colmatado por pedras irregulares mais pequenas.
- 2) Por outro lado, na estratigrafia vertical, verifica-se que a face mais recente está situada sobre uma camada de terra que vai contra a face anterior.
- 3) Na estratigrafia, em geral, alternam camadas compostas por solos pisados com camadas compostas por derrubes. Também podem aparecer conjuntos de diferentes camadas de pisos, tal como conjuntos de diferentes camadas de derrubes. Uma vez que os muros são compostos de duas ou várias faces de pedras maiores (no caso do Zambujal normalmente lajes, e nos espaços entre as faces bem postas, pedras pequenas), os derrubes normalmente compõem-se igualmente de uma alternância de camadas de pedras grandes e outras de pedras pequenas. Naturalmente, as camadas de pedras pequenas podem integrar achados mais antigos do que os que se encontram na camada sob as pedras grandes.

DATAÇÕES E NOVAS PESQUISAS

Existem datas radiocarbónicas a partir de carvões recolhidos durante as escavações de E. Sangmeister e H. Schubart, que ainda não incluem a fase I. Há alguns anos foram datadas várias amostras de ossos da fase I a 5. Por um lado, as datas de carvões são mais antigas que as datas de ossos, mas, por outro lado, as datas de ossos não são tão coerentes como as datas obtidas a partir de carvões. Esta é a razão porque ainda não estão publicadas as datas obtidas a partir de ossos. Por outro lado, no novo projecto do Zambujal, estamos a escavar um perfil até um metro para dentro de um testemunho deixado por E. Sangmeister e H. Schubart na área central do povoado, entre as linhas I e II da fortificação. Nesta área temos ainda a possibilidade de recuperar camadas de todas as fases estabelecidas pelos mencionados arqueólogos.

A metodologia da escavação dessa área inclui a coordenação, em três dimensões, de todos os achados (de cerâmica, osso, metal, carvão vegetal, pedra...), recolha de amostras de terra para análises geo-químicas e para fazer análises de lâminas finas, flutuação de cada complexo de sedimentos retirados, desenho em perfil e em várias plantas (mais ou menos de 10 em 10 cm), etc.

Numa outra área da escavação, nos anos 2001 e 2002, foi encontrada uma quarta linha da fortificação que mostra uma evolução parecida com a das construções escavadas até 1973.

Um novo projecto da Câmara Municipal de Torres Vedras e do IPPAR pretende musealizar o sítio. Neste âmbito, novas escavações e trabalhos de conservação serão precisos. Foram efectuadas reconstituições para exposições em museus. Tais reconstituições deverão ter o cuidado de, uma vez terminado o processo de levantamento topográfico, tapar novamente com geo-têxtil e terra as áreas registadas para uma melhor conservação das estruturas.

BIBLIOGRAFIA MENCIONADA NESTE RESUMO:

- KUNST, MICHAEL (1993). Mauern und Türme der Kupferzeit, in: Hermanfrid Schubart – Achim Arbeiter – Sabine Noack-Haley (ed.), *Sternstunden der Archäologie. Funde in Portugal* (Göttingen 1995), 47-67.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1981). *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*, Madrider Beiträge 5, 1 (Mainz 1981).
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1965). Grabungen in der kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal/Portugal, *Madrider Mitteilungen* 6, 1965.



Fig. 1 – Vista aérea da fortificação calcolítica do Zambujal: os cortes da campanha de escavações de 2001 incluindo a linha de muralha IV no lado esquerdo da parte central da imagem (Foto: M. Kunst: D-DAI-MAD-KB-21-01-30A).



Fig. 2 – Vista aérea da linha de muralha IV da fortificação calcolítica do Zambujal no fim da campanha de escavações do ano de 2002. A muralha apresenta diferentes fases de construção e três bastiões (Foto MK 2002-34-32).



Fig. 3 – Parte oriental do perfil situado a 1 m para trás do antigo perfil A1 no corte 40/45, entre as linhas I e II das muralhas da fortificação calcolítica do Zambujal, na campanha de escavações do ano de 2002 (MK 2002-30-28).



Fig. 4 – Desenho da parte oriental do perfil situado a 1 m para trás do antigo perfil A1 no corte 40/45, entre as linhas I e II das muralhas da fortificação calcólica do Zambujal no fim da campanha de escavações do ano de 2002. Distinguem-se camadas de pedras grandes e camadas de pedras pequenas (Desenho: Guida Casella).

